

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

CLEUDIA MARA RIBEIRO CAMARGO

**MULHERES E OS PROCESSOS DE EMANCIPAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA
ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL-RS**

Porto Alegre

2017

CLEUDIA MARA RIBEIRO CAMARGO

**MULHERES E OS PROCESSOS DE EMANCIPAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA
ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL-RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof.^a Dra. Flávia Charão Marques
Co-orientador: Me. Tutor Lucas Oliveira do Amorim

Porto Alegre

2017

CLEUDIA MARA RIBEIRO CAMARGO

**MULHERES E OS PROCESSOS DE EMANCIPAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA
ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL-RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, _____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Flávia Charão Marques
UFRGS

Prof.^a Dra. Aline Hernandez
UFRGS

Prof.^a Dra. Tatiana Gerhardt
UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus amados pais in memoriam Valdomiro Gomes Ribeiro e Maria Liaci Ribeiro, que foram responsáveis pelo que sou hoje!

Todas as decisões que tomo em minha vida, são baseadas nos conselhos que guardo em minha memória, minha conduta sempre será inspirada no exemplo de vida que vocês foram para mim.

Ouçã meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe. Eles serão um enfeite para sua cabeça, um adorno para o seu pescoço.

Provérbios 1:8-9

“Essa é uma luta constante, em que as mulheres, tal como escreveu Cora Coralina, vão descobrindo as muitas mulheres que convivem numa só. É a roceira, a doceira, a gestora do ambiente, a empoderada, a militante, a engajada, a guerreira, a batalhadora e vencedora, que estão sempre em marcha.”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, permitindo que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como acadêmica, mas que, em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço a minha amada família, meu esposo Getúlio, minha filha Camila e meu filho Tobias, pela compreensão dos momentos em que estive ausente me dedicando aos estudos.

A UFRGS, Direção, Administração, Professores e Tutores que realizam seu trabalho com tanto amor e dedicação, trabalhando incansavelmente para que nós, alunos, possamos contar com um ensino de extrema qualidade, oportunizando esta importante conquista.

Agradeço a todos os “professores” por terem me proporcionado o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, pela atenção, dedicação e carinho prestados a mim, durante este período de aprendizado. A palavra mestre, nunca fará jus, aos “professores” e tutores dedicados, aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Um agradecimento muito especial a nossa Tutora presencial Diviane que nunca mediu esforços para nos auxiliar em tudo que sempre precisamos, obrigado pelo carinho e dedicação!

Não poderia esquecer duas mulheres muito especiais que foram responsáveis pelo meu empoderamento como mulher, me amparando nos momentos mais difíceis da minha vida profissional, muito obrigado Vera Carvalho e Dina Machado por não terem me deixado desistir e darem todo o apoio nos momentos em que mais precisei.

Aos meus colegas do curso o meu muito obrigado pelo companheirismo, amizade e os dias maravilhosos que convivemos juntos.

Um agradecimento especial a Zenira Ribeiro que foi minha madrinha no Curso com Licença vai a Luta (SENAR), me incentivando na minha meta de concluir o ensino médio e ao Diego Kiefer que me incentivou a fazer o curso.

RESUMO

Historicamente as mulheres rurais de Cachoeira do Sul vêm se organizando na tentativa de promoverem ações para o fortalecimento das comunidades do interior e da consolidação do campo como um espaço de vida e integração das famílias com igualdade de gênero nas gerações. Neste contexto, o presente estudo foi realizado com o objetivo de analisar o processo de emancipação de mulheres participantes da Associação Municipal de Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul, RS no que se refere as ações desenvolvidas, resultando no empoderamento. Traçando o processo de participação de seis mulheres da Associação e analisando os aspectos sociais e econômicos que contribuíram para a emancipação dessas mulheres. Portanto para atingir os objetivos propostos, foi utilizado como método de pesquisa o estudo de caso. Sendo que os dados coletados ocorreram por meio de entrevistas semiabertas aplicadas com seis agricultoras familiares, sendo três participantes que estão a mais tempo na Associação e três que participam a menos tempo. Onde os principais resultados encontrados por meio deste estudo foi que a associação vem transformando a vida de muitas mulheres e conseqüentemente a emancipação econômica e social.

Palavras-chave: Agricultura Familiar, Mulheres, Emancipação, Empoderamento.

SUMMARY

Historically the rural women of Cachoeira do Sul have been organizing in an attempt to promote actions to strengthen the communities of the interior and the consolidation of the countryside as a living space and integration of families with gender equality in the generations. In this context, the present study was carried out with the objective of analyzing the emancipation process of women participating in the Municipal Association of Rural Workers of Cachoeira do Sul, RS, in relation to the actions developed, resulting in empowerment. Tracing the process of participation of six women of the Association and analyzing the social and economic aspects that contributed to the emancipation of these women. Therefore, to reach the proposed objectives, the case study was used as the research method. Given that the data collected occurred through semi-open interviews with six family farmers, with three participants having the most time in the Association and three participating in less time. Where the main results found through this study was that the association has been transforming the lives of many women and consequently economic and social emancipation.

Keywords: Family Farming, Women, Emancipation, Empowerment.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFUBRA	Associação dos Fumicultores do Brasil
ATR	Associação das Trabalhadoras Rurais
ASCAR/EMATER –RS	Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural
CELETRO	Cooperativa de Eletrificação Centro Jacuí Ltda
DAP	Declaração de Aptidão ao Pronaf
EMATER-RS	Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
FEAPER	Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais
FETAG-RS	Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SICREDI	Sistema de Crédito Cooperativo- Sicredi Centro Leste
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais

LISTA DE FIGURAS:

1. Mapa do RS com a localização do Município de Cachoeira do Sul	19
2. Croqui de Cachoeira do Sul com seus Distritos	20
3. Foto Entrevistada A	38
4. Foto Entrevistada B	38
5. Foto Entrevistada C	39
6. Foto Entrevistada D	39
7. Foto Entrevistada E	40
8. Foto Entrevistada F	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	19
3.1 Metodologia.....	21
3.2 Aspectos Éticos.....	22
4 TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES, EMANCIPANDO MULHERES RURAIS	23
4.1 Processo de organização da Associação das Trabalhadoras rurais.....	23
4.2 A vida das mulheres começa a mudar	26
4.3 Alguns aspectos sobre o trabalho produtivo.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXO A – GUIA DE ENTREVISTAS.....	38
APÊNDICE A – IMAGENS DAS AGRICULTORAS ENTREVISTADAS.....	39
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO.....	42

1 INTRODUÇÃO

No meio rural, ainda se conserva uma ideia de um grupo familiar, com papéis bem divididos entre os membros. O papel de "chefe" da família na maioria das vezes é incumbido aos homens, enquanto a mulher é aquela que cuida da casa, dos filhos, da horta, da criação de pequenos animais. Por conta disto, o papel da mulher, muitas vezes, é visto como subalterno, ou como a que presta ajuda ao marido (MARION e BONA, 2016).

No entanto, algumas mudanças vêm ocorrendo, uma vez que é possível perceber uma maior participação das mulheres nas tomadas de decisões na família. Estas mudanças estão explícitas no fato das mulheres estarem participando cada vez mais na gestão da propriedade e ocupando diversos espaços da sociedade, tidos até então, como espaços masculinos (KANAN, 2008).

O presente trabalho visa contribuir para a visibilidade da importância das mulheres rurais, especialmente focando aspectos que se referem à autonomia econômica e à igualdade de gênero. Percebe-se que o trabalho produtivo realizado pelas mulheres dentro da agricultura familiar tem sido subestimado pelas estatísticas oficiais, pois, a mulher sempre foi vista como aquela que ocupa o espaço doméstico, ou seja, condição de membro não remunerado da família, sendo esta uma das expressões de desigualdade de gênero. Todavia, muitas mulheres ainda aceitam a condição de submissão, não tendo coragem para enfrentar certas situações dentro do grupo familiar, pois foram educadas para servir os homens, ficando muitas vezes difícil romper com esta postura tão internalizada.

Neste sentido, se faz necessário a divulgação de trabalhos acadêmicos que tragam o processo de empoderamento¹ das mulheres, a participação delas nos movimentos sociais, ver as relações entre homens e mulheres no âmbito familiar, bem como a forma como a mulher participa nas atividades desenvolvidas nos estabelecimentos rurais. Portanto, há necessidade de fazer uma reflexão sobre as relações de gênero e as desigualdades sociais, considerando a predominância na família e na sociedade da dominância da figura masculina, que limita o papel feminino ao lar, desvalorizando suas atividades e configurando uma condição de obediência, primeiro ao pai e/ou irmãos e, depois, ao marido, mantendo o patriarcalismo².

¹ Entende-se por empoderamento o processo pelo qual ocorre a liberdade das pessoas decidir e controlar seu próprio destino.

² O patriarcalismo tem sido entendido como modo de vida patriarca, chefe da família ou pessoa mais velha a quem se deve respeito.

Especificamente tomando o município de Cachoeira do Sul como local de investigação, se pode observar que muitas mulheres vêm saindo do “anonimato”, embora, se percebe que são muitos os desafios para que as agricultoras consigam romper barreiras e buscar o reconhecimento do seu trabalho junto ao grupo familiar e perante a sociedade.

É neste contexto que a pesquisa realizada teve como objetivo geral analisar os processos de emancipação de mulheres participantes da Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul, no que se refere o processo de empoderamento. De modo a atingir tal objetivo, outros mais específicos foram propostos: a) traçar a trajetória de emancipação de seis mulheres da Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul; b) analisar os aspectos econômicos e sociais que podem contribuir, ou não, para a emancipação e conseqüentemente o empoderamento das mulheres rurais.

O trabalho conta com cinco capítulos além desta introdução. No capítulo 2, se encontra uma revisão bibliográfica que buscou trazer alguns aspectos sobre a vida das mulheres na agricultura familiar, invisibilidade, participação e empoderamento. Em seguida, são apresentados os aspectos metodológicos utilizados no percurso desta pesquisa. No quarto capítulo, estão os resultados e a discussão dos dados sobre a emancipação e empoderamento das mulheres rurais através da participação na Associação das Trabalhadoras Rurais. Finalmente o quinto capítulo vai trazer as considerações finais do trabalho.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Apesar do crescente reconhecimento da importância das mulheres agricultoras, bem como a sua contribuição para agricultura familiar, ainda é perceptível a sua subordinação econômica ao homem, além disso, seu trabalho é, muitas vezes, relegado à invisibilidade justamente por se tratar de atividades não remuneradas e relacionadas ao chamado espaço doméstico (privado). Portanto, são muitos os desafios para que essas mulheres consigam romper barreiras em busca do reconhecimento do seu trabalho junto ao grupo familiar e na direção de sua emancipação.

Segundo Brumer (2004) as mulheres são vistas como ajudantes nas atividades produtivas desenvolvidas junto ao grupo familiar, ocupando uma posição de subordinação, mesmo quando executam as mesmas atividades que os homens. A autora explica também que:

é preciso destacar que o caráter de ‘pesado’ ou ‘leve’ da atividade é relativa e culturalmente determinada, uma vez que, na esfera de suas atividades (doméstica), a mulher executa tanto trabalhos ‘leves’ como trabalhos ‘pesados’ (como trabalhar na colheita dos produtos agrícolas, carregar os filhos e buscar água em lugares distantes do domicílio) (BRUMER, 2004, p. 211).

Desconsiderar o trabalho da mulher na agricultura familiar é torná-lo invisível, significa desconhecer a sua contribuição econômica na produção agrícola, caracterizando uma injustiça (Melo, 2002). Portanto se faz necessário o reconhecimento das atividades desenvolvidas pelas mulheres agricultoras dando visibilidade ao seu trabalho.

Segundo Silva e Vale (2015):

as atividades desenvolvidas pelas mulheres inseridas na unidade familiar produtiva são de extrema importância para o desempenho da produção e reprodução familiar, porém, elas tradicionalmente são vista como “ajuda”. Seja desempenhando atividades no lar, o cuidado com os idosos, as crianças, a alimentação, o cuidado com a horta, ou desempenhando atividades diretamente ligadas à produção agrícola da família, tais como seleção de sementes, colheita, cuidado com os animais de estimação, aragem e até mesmo plantio e colheita, ainda a mulher permanece inserida em um papel subordinado e invisível dentro da unidade produtiva (SILVA e VALE 2015, p. 175).

Conforme os autores Galizoni e Ribeiro (2000), no artigo intitulado “Trabalho feminino na agricultura familiar do Alto Jequitinhonha”, Minas Gerais, o trabalho feminino rural na agricultura familiar geralmente é definido como os cuidados com a casa e família, com criação de pequenos animais e principalmente a contribuição da mulher nas atividades produtivas.

O papel desempenhado pelo homem na agricultura familiar remete uma cultura na sociedade como sendo ele o único responsável pelas atividades desenvolvidas na lavoura, resultando na desigualdade de gênero. Sendo demonstrado na citação abaixo por Melo (2002):

“a figura do pai como representação principal da agricultura familiar reflete a cultura que secularmente elegeu o masculino como responsável pelo exercício das atividades desenvolvidas “fora do espaço da casa”, uma vez que o âmbito de trabalho “da casa” é o “lugar da mulher”. No geral, essa ideologia existe, mesmo quando a participação da mulher no mundo do trabalho é cada vez mais crescente” (MELO, 2002, p. 5).

De acordo com Azevedo (2012), empoderamento pode ser definido como a ampliação da participação das mulheres no âmbito familiar e na sociedade como um todo.

A inserção das mulheres agricultoras familiares nos espaços organizacionais e de produção tem contribuído com o crescimento pessoal, político e social destas mulheres, resultando no empoderamento no espaço público com participação democrática (Azevedo, 2012). Sendo assim o processo de empoderamento das mulheres se faz necessário para o enfrentamento das desigualdades de gênero que ocorrem no meio rural.

O meio rural brasileiro, devido ao seu tipo de colonização e ao sistema patriarcal, instituiu-se por muito tempo como uma estrutura de divisão sexual do trabalho, que fortaleceu a invisibilidade do trabalho da mulher e alimentou a desigualdade de gênero. As marcas deixadas pelo patriarcalismo legou às mulheres uma servidão imposta e, às vezes, reproduzidas por elas mesmas, ainda que não percebam tal fator na maioria dos casos (AZEVEDO, 2012, p. 33-34).

O empoderamento das mulheres agricultoras familiares pode ocorrer a partir da participação em associações, sindicatos, cooperativas e na própria comunidade, sendo que muitas delas sentem-se encorajadas resgatando a sua autoestima e saindo em muitas situações da total invisibilidade. Os resultados dessas mudanças são observados no fato das mulheres estarem participando ativamente da gestão da propriedade junto com seus maridos, bem como nas representações das organizações sociais e comunidades. Também é visível uma maior participação em associações e cooperativas, planejando, administrando e coordenando atividades da família e do campo (SIQUEIRA, 2014).

O empoderamento é um processo que precisa ser desencadeado por fatores ou forças externas, podendo ser uma pessoa, um grupo, um projeto ou uma instituição, de forma que, com este apoio, as mulheres possam reconhecer as estruturas que as oprimem e desenvolver uma consciência crítica. No caso das mulheres agricultoras familiares, o desafio maior é desnaturalizar e quebrar a dominação masculina. Nesta difícil caminhada, o primeiro passo deve ser o despertar da consciência em relação à discriminação de gênero, à existência da desigualdade entre homens e mulheres. O importante é, ao reconhecer a existência desta desigualdade no seu cotidiano, ficar

incomodada e indignada com esta situação e querer mudá-la na sua vida e na das outras mulheres (SIQUEIRA, 2014, p. 40-41).

O trabalho de pesquisa da autora Marta Cocco da Costa (2015) intitulado “Violência contra mulheres rurais: gênero e ações de saúde” retrata as desigualdades entre homens e mulheres, trazendo o poder e a autoridade do homem como chefe de família e a mulher numa situação de subordinação e obediência. No entanto podem-se observar as desigualdades e os preconceitos, as relações de gênero e o processo de submissão das mulheres nas relações familiares neste contexto.

A identidade feminina se constrói alicerçada no que ela aprendeu, ao longo dos anos, a reconhecer como inerente a sua condição de ser mulher: casar, cuidar da casa, dos filhos e do marido, ser responsável pela harmonia do lar, e, nesse contexto, o casamento acaba sendo um projeto de vida feminino. (COSTA, 2015, pag. 166)

Conforme destaca Costa (2015), ainda é comum nos dias atuais presenciarmos mulheres trabalhadoras rurais sendo submissas aos seus maridos e companheiros, aonde elas vêm de um modelo familiar patriarcal da sociedade em que vivemos que tem na figura do homem o responsável por tudo, deixando a mulher numa posição de submissão. Sendo que, nos últimos anos, o trabalho desenvolvido por meio dos movimentos sociais em conjunto com as organizações de trabalhadoras rurais, tem contribuído para que muitas mulheres conquistem seus espaços e o respeito perante a sociedade.

Segundo Siqueira (2002), para que as mulheres agricultoras familiares consigam a libertação das formas de como elas são vistas pela sociedade, e alcancem o empoderamento, é necessário acabar primeiro com a imagem construída e reproduzida por elas mesmas e que consecutivamente foram impostas pela sociedade. Rompendo barreiras que sempre lhe foram impostas ao longo dos anos, buscando a transformação por meio da inserção da mulher nos espaços produtivos e organizativos.

A participação da mulher em espaços produtivos como a agricultura, avança quanto à percepção subjetiva de seu reconhecimento, principalmente por elas mesmas, que passam a se ver como conhecedoras e manipuladoras do processo de produção agrícola em suas propriedades rurais familiares reconhecendo-se como sujeitos que estão nas relações tanto subjetivas quanto de trabalho ocorridas no meio rural, em patamar de igualdade enquanto ser humano (PASTÓRIO e ROESLER, 2014, p. 5).

De acordo com Siqueira (2014), o processo de empoderamento individual promove oportunidades para que as pessoas tenham controle sobre suas vidas, assim, a autora aponta que:

em nível individual, os processos de empoderamento das mulheres agricultoras familiares podem ser alcançados através da participação em organizações ou atividades comunitárias, ao integrar grupos de interesses (quintais produtivos, corte e costura, beneficiamento de frutas e artesanato), do aprendizado de novos conhecimentos e do desenvolvimento de novos potenciais e novas tarefas (SIQUEIRA, 2014, p. 53).

A invisibilidade do trabalho feminino e a não valorização da mulher perante a sociedade como um ator importante na administração e composição do trabalho desenvolvido juntamente com a família, traz uma percepção da sociedade que a atividade de produção agrícola é desenvolvida somente pelo homem, ficando para a mulher atividades como os cuidados com a família e a casa (PANZUTTI, 2002).

A agricultura familiar é de responsabilidade do chefe da casa, mas no trabalho, a mulher, com alguma exceção, participa muito. Tarefas da lavoura como capinar, preparar a terra para o plantio, sementeira, colheita, são desempenhadas por todos da casa, mulher e filhos (PANZUTTI, 2002, p. 13).

No decorrer dos anos e por meio da luta das mulheres do campo através dos movimentos sociais vem ocorrendo uma evidência da importância econômica e social das atividades femininas na agricultura familiar, onde um dos principais desafios é reverter a visão de que a mulher no meio rural tem um papel secundário.

As mulheres, nesse contexto, são consideradas trabalhadoras ativas dos processos produtivos, além do trabalho na roça, cultivam toda a alimentação que vai para a mesa da família. Não são as mulheres que se ocultam, são as relações desiguais que lhes atribuem hierarquias. Com isso, o trabalho delas na esfera produtiva permanece, praticamente, invisível, porque é praticado no interior do estabelecimento, sendo os homens praticamente os únicos responsáveis pelos contatos com o exterior - bancos, sindicatos, cooperativas, entre outros (COSTA, 2015, p. 167).

Com o passar dos anos essa realidade vem mudando gradativamente, sendo que o papel da mulher vem sendo contestado, mostrando a sua importância por meio da participação nas atividades do grupo familiar e na sociedade como um todo. No decorrer dos anos, e por meio da luta das mulheres do campo através dos movimentos sociais, vem ocorrendo uma evidência da importância econômica e social das atividades femininas na agricultura familiar, onde um dos principais desafios é reverter a visão de que a mulher no meio rural tem um papel secundário (FETAG-RS, 2013).

Atualmente, graças à luta por igualdade, as mulheres agricultoras estão se dando conta da sua grande importância e de que seu trabalho precisa ser reconhecido e valorizado, conseguindo assim ocupar seu espaço dentro e fora da propriedade. Estas conquistas têm acontecido a partir do momento em que as mulheres do meio rural passaram a se organizar e

participar mais ativamente dos espaços políticos e sociais. A partir daí, elas passaram a serem vistas de maneira diferente perante a sociedade, unindo-se através de grupos organizados de mulheres rurais com o objetivo de promover e buscar formas de agregação de renda para a manutenção da família no campo (FETAG-RS, 2013).

A organização das mulheres rurais vem se fortalecendo aos poucos, sendo que a conquista mais importante foi o reconhecimento da profissão de agricultora, a partir daí as mulheres passaram a buscar novas bandeiras de luta, pois através do reconhecimento da profissão transformaram-se em verdadeiras cidadãs, deixando para trás um passado de exclusões e de privações de seus direitos. Onde o trabalho das mulheres, que historicamente era considerado apenas como uma ajuda ao trabalho dos homens começa a ser reconhecido e valorizado, contribuindo para que as mulheres busquem sua autonomia econômica e social (Revista das Mulheres, 2013).

Conforme Mesquita (2012), o empoderamento das mulheres por meio da participação em todas as atividades econômica, passa a ser essencial na construção de economias fortes, estabelecendo uma sociedade mais justa e com estabilidade, atingindo os objetivos de desenvolvimento com sustentabilidade, melhorando a qualidade de vida para os homens, mulheres, famílias e comunidade.

Segundo Pastório e Roesler (2014) ainda são muitas as barreiras a serem vencidas, principalmente aquelas vivenciadas dentro de suas próprias casas, modelo que reproduz historicamente a cultura autoritária, machista e excludente e em que a participação da mulher ainda é fragilizada. As mesmas autoras ainda defendem que é preciso combater a invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres, e conseqüentemente a valorização da sua participação no processo produtivo, reconhecendo suas especificidades, expressadas por meio de seus saberes. Onde o trabalho desenvolvido pela mulher rural por muitos anos foi visto como dever de seu papel, não sendo reconhecido como trabalho produtivo na unidade de produção.

Conforme Silva e Vale (2015), as desigualdades ainda são marcadas pela invisibilidade das atividades produtivas desenvolvidas pelas mulheres, onde uma significativa parcela do trabalho é considerada trabalho doméstico, ou apenas ajuda ao trabalho do marido, mesmo quando a mesma é decisiva para a subsistência do grupo familiar.

Fica claro, então, que é culturalmente construído dentro do seio familiar, que as atividades desenvolvidas pelas mulheres são “ajuda” tanto por não proverem bem monetário, assim como é culturalmente visto que mulheres são inferiores e subordinadas ao chefe da família, representado pelo marido ou pelo pai. As visões

subalternas femininas estão inseridas em uma visão cultural de maior escala, que é a da visão da ideologia patriarcal e machista (SILVA e VALE, 2015 p. 176).

As mulheres rurais vêm construindo ao longo dos anos uma identidade própria, assumindo papéis importantes perante a sociedade, mostrando sua força e coragem através da luta constante por seus direitos, e principalmente na emancipação econômica. A vasta trajetória, na busca pelo seu reconhecimento como agricultora, pela sua valorização, organização e ocupação de seu espaço, foi e continua sendo a grande luta ainda nos tempos atuais, tanto no âmbito familiar, quanto na sociedade em geral. Através de mobilizações e lutas, as mulheres têm dado um grande exemplo de capacidade articulatória e de realização de parcerias, garantindo a participação e o debate político das propostas para um desenvolvimento rural sustentável e solidário com igualdade para homens e mulheres, com isto resultando em melhor qualidade de vida para as famílias no meio rural (Marcha das Margaridas, 2015).

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O município de Cachoeira do Sul está localizado estrategicamente no centro do Estado do Rio Grande do Sul, entre a BR 290 e RS 287, fazendo parte da microrregião do Vale do Jacuí, distante 196 km de Porto Alegre (Figura 1). A população do município é de 85.712 habitantes, divididas em 74.119 habitantes na área urbana e 13.754 na área rural, sendo que dos 85.712 habitantes, 41.698 são homens e 44.014 são mulheres (IBGE, 2015).



Figura 1: Mapa de localização do município de Cachoeira do Sul
Fonte: <http://andressaddnaty.blogspot.com.br>, 2011

O Município de Cachoeira do Sul foi criado em 26 de abril de 1819 pelo Alvará Imperial de D. João VI e instalado em 5 de outubro de 1820. Este mesmo documento o desmembrava da Vila de Rio Pardo, passando assim ser sede de um novo município, Vila Nova de São João da Cachoeira, cujos limites abraçavam áreas atualmente ocupadas pelos municípios de Alegrete, Santa Maria, Caçapava do Sul, São Gabriel e Santana do Livramento.

Além do domínio principal, hidrográfico, ser o Rio Jacuí, a contribuição de seus afluentes é bastante expressiva e podemos salientar, como sub-bacias de contribuição, no território do município, o Rio Vacacaí, Arroio Capané, São Nicolau e Iruí/Piquiri, bem como na margem esquerda do Rio Botucarai, Arroios Amorim, Passo da Areia, Ferreira e Taboão.

O município de Cachoeira do Sul possui uma característica de ocupação do território em função do tipo de relevo que se encontra ao norte do município, possuindo um terreno acidentado com predominância de coxilhas de pequena altura. Nesta região não é possível desenvolver uma agricultura em grande escala, assim este espaço é utilizado por agricultores familiares, em sua maioria associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Nos distritos de Três Vendas, Bosque e Ferreira, o fumo ainda é a cultura mais desenvolvida (Figura 2). No entanto, observa-se uma substituição mais recente pelo cultivo de hortaliças, soja e também pela fruticultura através do plantio de oliveiras e noqueiras.

Nos distritos de Cordilheira, Barro Vermelho e Capané encontra-se um relevo mais plano, com áreas abertas que possibilitam uma agropecuária em grande escala, nesta referida região o agronegócio é predominante, principalmente com a soja e algumas lavouras remanescentes de arroz devido à exploração das várzeas dos rios, principalmente o Rio Jacuí, que corta o município, sendo estas terras impossibilitadas para o cultivo da soja.



Figura 2: Localização dos Distritos do município de Cachoeira do Sul
Fonte: Anuário Jornal do Povo, 2016/2017.

Nestes dois modelos de ocupação do espaço rural Cachoeirense, percebe-se que o modelo de agricultura é diferente, sendo que na região sul, ou seja, nos Distritos de Cordilheira, Barro Vermelho e Capané, encontram-se as grandes fazendas, voltadas para pecuária, arroz e soja, possuindo nesta região pequenas comunidades de agricultores familiares. Enquanto na região norte predomina a agricultura familiar com o plantio do tabaco, hortaliças, bovinos de leite, onde muitos desses agricultores comercializam seus produtos na Feira Livre Municipal, na Rede de Supermercados e Programas Institucionais.

3.1 Metodologia

Este estudo foi baseado na abordagem exploratória e qualitativa. Participaram da pesquisa seis mulheres do município de Cachoeira do Sul/RS, moradoras de diferentes localidades, agricultoras familiares, com faixa etária entre 25 e 60 anos de idade, indicadas pela Presidente da Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais. Os critérios utilizados para a escolha das entrevistadas é o período de tempo que as mesmas participam da Associação, separadas em duas categorias, três mulheres que participam há pouco tempo e três desde o início da fundação da mesma.

Com as agricultoras selecionadas, foram realizadas entrevistas orientadas por um roteiro semiestruturado com as seis integrantes da Associação (Anexo A). Esta ferramenta proporcionou um ambiente aberto de diálogo (Pereira, 2009), permitindo que as agricultoras entrevistadas se expressassem espontaneamente. Com as entrevistas foram coletadas informações e subsídios de como vêm ocorrendo a participação dessas mulheres no trabalho, gestão e nos resultados econômicos do grupo familiar. Somando-se as entrevistas entre si, foram realizadas observações e análises dos procedimentos organizacionais na propriedade complementando a descrição de práticas relacionadas ao modo de vida e como ocorre a participação no processo produtivo. Os dados obtidos nas entrevistas e observações foram transcritos e analisados qualitativamente, observando os motivos que levaram as mulheres entrevistadas a determinados posicionamentos, acreditando que através da participação na ATR foi possível trazer visibilidade ao trabalho por elas exercido.

A revisão da literatura, também foi utilizada com parte do processo metodológico, compreendendo o estudo de como vem ocorrendo a participação e a emancipação da mulher agricultora familiar que fazem parte da Associação das Trabalhadoras Rurais no município de Cachoeira do Sul, RS, foi baseada em trabalhos acadêmicos, artigos, livros, dissertações,

teses, internet, dados disponíveis pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, através de jornais, revistas de circulação estadual e nacional.

3.2 Aspectos Éticos

No dia da visita antes da entrevista foi entregue o termo de consentimento as mulheres entrevistadas, explicando que as informações coletadas poderão ser publicadas com garantia de anonimato. Sendo que foi disponibilizado duas vias do termo, ficando uma em posse da pesquisadora e outra em posse da entrevistada.

4 TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES, EMANCIPANDO MULHERES RURAIS

4.1 Processos de organização da Associação das Trabalhadoras rurais

Associação, em sentido amplo, é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne pessoas físicas ou outras sociedades jurídicas com objetivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para os seus associados. Formalmente, qualquer que seja o tipo de associação, pode-se dizer que a associação é uma forma jurídica de legalizar a união de pessoas em torno de necessidades e objetivos comuns. Sua constituição permite a construção de melhores condições do que aquelas que os indivíduos teriam isoladamente para a realização dos seus objetivos. (SEBRAE, 2014).

No caso, a Associação das Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul (ATR) foi fundada, em 1997, com o objetivo de debater e defender os direitos e interesses das mulheres rurais, levando informações às mulheres do campo, incentivando-as na participação organizada, na tomada de decisões que influenciem no crescimento social, econômico da comunidade, do município e região (Estatuto Associação, 2003). Participam da ATR mulheres rurais que fazem parte de Grupos organizados de várias localidades do interior do município de Cachoeira do Sul.

Dentre os propósitos da Associação, estão também o de proporcionar aos grupos organizados e suas dependentes atividades sociais, econômicas e culturais, melhorando o convívio entre as famílias e entre comunidades, promovendo a união dos grupos de mulheres organizados por meio de intercâmbios, encontros municipais, regionais e estaduais. No início, somente cinco grupos organizados faziam parte da associação, conforme as ações que foram sendo desenvolvidas despertou o interesse de outras mulheres nas demais localidades do município de integrar a associação na busca de informações e conhecimentos para suas comunidades (Estatuto da Associação, 2003).

Conforme a Presidente da ATR, a Associação promove o trabalho em grupo, respeitando a individualidade, crenças e ideologias de cada membro da associação. A Diretoria organiza as reuniões mensalmente discutindo assuntos de interesse das participantes, dando encaminhamentos e buscando soluções para os problemas encontrados, desempenhando com dedicação os cargos para os quais foram eleitas em Assembleia.

Trazendo uma breve contextualização do histórico da organização em 1997, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais convidou uma produtora rural para ser coordenadora municipal das Trabalhadoras Rurais. Iniciou-se assim o trabalho com poucos grupos de

mulheres, que começou a chamar a atenção das demais mulheres rurais que solicitaram o apoio para formação de grupos em várias localidades do interior do município de Cachoeira do Sul. Atualmente fazem parte da ATR vinte grupos organizados de mulheres rurais das seguintes localidades do município: Três Vendas, Sanga Funda, Bosque, Taboão, Faxinal da Gardinha, Passo do Moura, Rincão da Guajuvira, Capão da Cruz, Enforcados, Coxilha Bonita, Barro Vermelho, Dorasnal, Palmas, Cambará, Irapuá, Piquiri, Cerro dos Peixoto, Passo do Seringa, Vila Vargas e Botucaraí.

No início das atividades, também houve trabalho em parceria com outras entidades, como o Jus Mulher, Liga Feminina de Combate ao Câncer, Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural- ASCAR-EMATER-RS, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Secretaria Municipal da Saúde, Secretaria Municipal da Agricultura e Pecuária e Câmara Municipal de Vereadores, contando com profissionais como: Advogadas, Assistentes Sociais, Enfermeiras, Psicólogas, Médicos e outros profissionais. Com isto a Associação pode ir levando todo tipo de informação às famílias rurais e principalmente para as mulheres. Este processo de apropriação de informações e conhecimentos foi relevante para, resgatar confiança no próprio trabalho e na capacidade de decisão, com as mulheres passando a participar significativamente nas decisões locais e em outros âmbitos. Um dos fatores a serem ressaltados é que a participação nas várias atividades relacionadas à Associação foi ajudando, muitas delas a resgatar sua autoestima. No entanto para que esse trabalho continuasse a Associação das Trabalhadoras Rurais buscou mais parcerias como SENAR, Líder Tratores, CELETRO, AFUBRA e SICREDI que começaram a auxiliar com cursos, palestras e local para realização dos mesmos.

Em 2003 as mulheres da Associação passaram a ter representação no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, sendo que, até então, a diretoria era composta somente por homens. A partir daí, as mulheres solicitaram, em assembleia do Sindicato, direitos iguais para homens e mulheres, os casais passaram a dividir a mensalidade de sócios e ambos têm direito a voto. É importante esclarecer que, antes desta mudança, as mulheres figuravam como dependentes dos maridos, e só ele tinha direito a votar. Esses pequenos avanços obtidos pelas mulheres em seus espaços locais de atuação, como é o caso da Associação e do Sindicato do município, significam uma transformação importante na vida delas e, em alguma medida, nas suas famílias e comunidades. Estas mudanças são potencialmente importantes no que se refere a impulsionar seus próprios projetos de vida e a influenciar outras transformações, por exemplo, no próprio campo de trabalho produtivo.

Durante a trajetória de trabalho, as mulheres da Associação das Trabalhadoras Rurais sentiram a necessidade de buscar alternativas de geração de renda, tendo como objetivo ampliar sua capacidade de decidir como gerir os frutos do seu trabalho, ao mesmo tempo de possibilitar uma ampliação da sua autonomia.

Neste sentido, uma das dificuldades era encontrar um espaço onde as integrantes da Associação pudessem comercializar seus produtos coloniais e artesanato. Foram necessárias várias reuniões e negociações para conseguir uma sede no centro da cidade. Neste processo, a Associação contou com o apoio da então Vereadora Dina Marilu Machado e da Extensionista da EMATER-RS, na época, Vera Carvalho. No dia 7 de março de 2004 foi inaugurada a Casa das Trabalhadoras Rurais que, desde então, tem se mostrado como uma alternativa bastante eficaz no que tange à comercialização. Com isto, muitas das mulheres conseguiram agregar uma renda significativa para seu sustento e de suas famílias.

A Casa também se tornou, para as famílias envolvidas, ponto de referência e encontro importante entre as comunidades, principalmente pelo intercâmbio e troca de experiências entre os grupos organizados, consumidores e a comunidade cachoeirense. Este espaço também é utilizado para cursos de capacitação e aperfeiçoamento das agricultoras em várias ações pertinentes ao trabalho e melhoria da qualidade de vida das famílias envolvidas. A consolidação da Casa das Trabalhadoras Rurais mostrou que por meio da organização e da persistência é possível concretizar avanços sociais e econômicos importantes para as mulheres trabalhadoras rurais.

Podendo citar como um fator relevante a participação destas mulheres na Casa das Trabalhadoras, pois tem contribuído para a emancipação e empoderamento de muitas delas, sendo que por meio da comercialização de seus produtos vêm conseguindo administrar seus próprios recursos, contribuindo muitas vezes nas despesas do grupo familiar, e com isto elevando a autoestima.

Durante o processo de construção, fortalecimento e organização das mulheres agricultoras familiares, vem ocorrendo a superação das desigualdades de gênero, a valorização das mulheres, dando visibilidade a sua participação na produção e enquanto cidadã. As mulheres rurais, nos últimos anos estão ultrapassando e superando barreiras a passos largos, de igual para igual com os homens numa sociedade mais justa e igualitária. O associativismo entre as mulheres têm sido uma alternativa em busca do empoderamento de outras mulheres, onde ocorre uma cooperação entre as integrantes da associação, bem como uma preocupação por parte das que conseguiram sair do anonimato em relação a aquelas que ainda não conseguiram sua emancipação plena.

4.2 A vida das mulheres começa a mudar

A entrevistada A, tem 50 anos de idade, faz parte do Grupo de Trabalhadoras Rurais Flores do Campo da localidade do Piquiri. Relatou que inicia o seu dia fazendo o café pra família, logo após, trata as galinhas, porcos e os animais domésticos, sendo também responsável pelo trato e a ordenha das vacas de leite. Com a ajuda do filho, é responsável pelos cuidados com a horta, como capina recomposição com semeadura de novas hortaliças. Próximo ao meio dia retorna para a casa, para dar início ao almoço e elaborar produtos que vende na feira como bolachas, pães, chimias³ e geleias.

No entanto, ela tem comprometimento com a propriedade durante o dia todo, pois ajuda o marido em todas as atividades desenvolvidas no campo na criação de bovinos e ovinos. Acessou o Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais-FEAPER para energia fotovoltaica, pois pretendem iniciar com a atividade de criação de galinhas para postura, porque julgam que haverá aumento da renda familiar.

A renda da família vem toda da produção agrícola, especialmente da venda de hortaliças. As decisões são sempre tomadas em conjunto, sendo que participa tanto na compra de sementes e insumos, como nas decisões quanto a comercialização dos produtos, bovinos e ovinos. Coloca que 30% da renda total da propriedade é oriunda do seu trabalho com a produção de produtos coloniais que vende na Feira Livre Municipal, na Casa das Trabalhadoras Rurais e em outras feiras. Essas feiras se referem a espaços que a Associação conquistou dentro da sede da Loja da AFUBRA, da Agência do SICREDI e do STR.

Há dezesseis anos ela faz parte do Grupo de Trabalhadoras Rurais Flores do Campo do Piquiri, sendo que esta participação mudou muito a sua vida. Ela participou de mais de 30 cursos promovidos pelo SENAR, participou de palestras e cursos de formação. Participa das reuniões mensais da ATR, sendo que atualmente faz parte da diretoria. Ela expressa que as ações da associação abrangeram um vácuo das mulheres na participação no meio rural, considerando que elas não eram valorizadas. Ela expressou durante uma entrevista:

“Até eu começar participar do grupo eu era só, e após começar a participar do grupo me tornei uma pessoa mais forte, ficou melhor de trabalhar mudou principalmente a autoestima, comecei a ajudar outras mulheres, sendo que para mim mudou cem por cento (Entrevistada A, 2017).”

³ Chimia é o nome regional para designar doces feitos com frutas e açúcar, em geral para comer com pão.

Também, relata que passou a se sentir valorizada após participar da ATR, identifica que antes seu trabalho dentro da propriedade não era reconhecido e valorizado sendo que tudo o que faz hoje é o mesmo que fazia a vinte anos a traz, no entanto seu valor é outro. Ela chega a manifestar que; “se sente outra pessoa”, pois, é muito feliz, aprendeu a se valorizar como mulher e como pessoa, conquistando o reconhecimento da família e da comunidade.

A agricultora sempre que pode participa das viagens organizadas pela ATR, STR e pelo grupo em que participa na comunidade. Participa todas as quintas-feiras das reuniões do grupo, é nestas ocasiões que acontecem troca de ensinamentos das habilidades de cada integrante do grupo como bordado, crochê, tricô, pintura. É neste espaço que, na última quinta- feira de cada mês confraternizam com um chá, doces e salgados com aniversariantes.

A entrevistada A afirma que vê o seu futuro e das outras agricultoras diante do futuro agrícola, associativo, sindicalista e político como, bom e ruim. Bom porque existe um campo muito grande para a mulher, as mulheres já possuem muitas informações, buscando a sua autoestima e conquistando os seus espaços, sendo que existe muito a avançar e crescer. A perspectiva ruim é que persiste certo embate entre homens e mulheres. Ela afirma que isto não seria necessário, pois, a competência de uma pessoa independe do gênero. A agricultora, ainda diz que, apesar das dificuldades que estão surgindo, ela percebe mais aspectos positivos do que negativos o que coloca as mulheres em condições de avançar e crescer muito, participando no movimento sindical, nas cooperativas e em todos os processos de associativismo, se fazendo presentes sempre.

“A agricultura familiar esta sendo reconhecida, mas temos que lutar muito no dia a dia para ter o devido reconhecimento, principalmente o trabalho exercido pelas mulheres. Atualmente graças ao trabalho da associação das trabalhadoras rurais no município as mulheres agricultoras familiares estão sendo reconhecidas e valorizadas (Entrevistada A, 2017).”

A entrevistada B, tem 36 anos e faz parte do Grupo de Trabalhadoras Rurais Força da Mulher da comunidade do Passo do Moura. Ela relata que sempre trabalhou na agricultura, que começou a participar do grupo há aproximadamente nove anos e, desde então, tem adquirido novos conhecimentos por meio da troca de experiência com as integrantes de outros grupos de mulheres. Também, menciona a integração com outras pessoas das demais comunidades e mulheres da sua própria comunidade, com as quais não tinha contato antes da participação do grupo.

Relata que seu dia a dia é igual ao da maioria das mulheres, como preparar o café para família, tratar a criação de pequenos animais e cuidar da horta. Só que, no caso dela, a horta

tem finalidade comercial, então todos os dias há a colheita das hortaliças para entregar em uma rede de supermercados da cidade. Em geral, próximo ao meio dia, retorna para casa para preparar o almoço para a família, e arrumar a filha para ir para a escola.

Desde que começou a fazer parte da Associação, realizou várias atividades, participou de cursos de informática, de artesanato, panificação, culinária e de várias palestras de motivação, e principalmente em feiras onde realiza a vendas de seus produtos coloniais. Ela fala da mudança que aconteceu na vida dela com o engajamento no grupo, o trecho abaixo é uma mostra disto:

“Minha vida mudou muito depois que comecei a participar da Associação, comecei a me sentir mais valorizada, e convido outras mulheres para participar da organização, pois na comunidade existem muitas mulheres que não participam de nada fora da propriedade (Entrevistada B, 2017).”

Salienta que na comunidade é realizado apenas cursos e palestras, e através da Associação participa de excursões de rotas turísticas em outros municípios, o que proporciona novos conhecimentos e troca de experiências com outras agricultoras.

Ela também faz parte da Casa das Trabalhadoras Rurais, comercializando produtos, esta atividade é realizada em conjunto com outras agricultoras. Ela também é chamada para fazer o *coffee break* de reuniões e palestras de empresas do município, nesta ocasião ela com outras agricultoras preparam o lanche com cucas, bolos, bolachas, salgados, sucos e chá. A agricultora afirma ainda que atualmente ganhou autonomia com a renda própria, complementando e contribuindo assim com a renda familiar.

A entrevistada C, tem 34 anos, faz parte do grupo de mulheres rurais da localidade de Coxilha Bonita, relata que, antes de ser convidada para participar da formação de um grupo na sua comunidade, fazia as atividades de casa, e trabalhava com o marido na lavoura. Ela narra que após muita insistência de uma integrante de outro grupo de mulheres de uma comunidade vizinha, ela passou a participar das ações desenvolvidas pela Associação das Trabalhadoras. Esta vizinha é que a incentivou para que ela formasse um grupo em sua comunidade. O que ela acabou fazendo, depois de buscar informações e conhecimentos para sua comunidade.

Foi a partir deste engajamento que ela começou a interagir e trocar experiências com mulheres de outras localidades do município, participando efetivamente de várias atividades desenvolvidas pela ATR. Relata que seu modo de vida melhorou muito após a sua participação no grupo, e que a Associação oportunizou a comercialização dos seus produtos de panificação na Casa das Trabalhadoras, e que com esta atividade passou a contribuir com a renda da família.

O grupo ao qual esta integrada é composto por quinze mulheres, e desde sua fundação passou por muitas mudanças, na medida em que as mulheres foram transformando suas vidas, em dimensões econômicas, sociais e culturais. Com isto identifica-se uma significativa melhora da autoestima. Ela conta que recebeu Bolsa Família⁴ durante um ano, sendo que devido o aumento da renda parou de receber. Afirma que hoje o seu trabalho que representa em torno 30% da renda do grupo familiar. A agricultora participa das atividades desenvolvidas pela Associação e também aquelas realizadas em parceria com STR e Emater, dentre elas feiras, palestras, seminários e cursos de formação.

É importante salientar que ela avalia como muito boas as ações desenvolvidas pela Associação, já que foi através dos cursos de formação e dos conhecimentos adquiridos que ela pode mudar totalmente o seu modo de vida. Em especial, destaca-se que ela passou a ter uma renda extra com a venda de seus produtos, trazendo assim sua emancipação financeira. Ela avalia que atualmente as mulheres estão sendo valorizadas e tendo o seu trabalho reconhecido devido as ações desenvolvidas pela Associação. Relata que uma das atividades de lazer que mais gosta é de estar junto com as mulheres compartilhando trocas de experiências, gosta de passear com a família, algo que não acontecia antes de começar a participar da Associação. Na opinião da agricultora, ainda falta mais apoio do poder público em relação ao trabalho desenvolvido no município pelas mulheres rurais que comercializam seus produtos na Casa das Trabalhadoras Rurais.

De acordo com ela, a renda obtida através da venda de seus produtos de panificação como cucas, pães e bolachas, fez diferença em sua vida, pois antes dependia da renda do marido, hoje tem autonomia, direito que antes não conhecia, e acima de tudo a valorização do seu trabalho.

A entrevistada D, tem 60 anos, sempre trabalhou na agricultura, faz parte do Grupo de Mulheres Sagrado Coração de Jesus da localidade de Sanga Funda. Assim como as demais entrevistadas, seu dia começa com o preparo do café da manhã pra família, logo após vai tirar o leite, trata os animais e é responsável com os cuidados com a horta. Contribui auxiliando o marido desde o plantio até a colheita das culturas de milho, mandioca e soja.

É interessante notar que esta agricultora participa de todas as tomadas de decisões na propriedade em conjunto com seu marido, dando sua opinião desde a compra de sementes, adubo e insumos até a comercialização. Os recursos financeiros são administrados em conjunto pelo casal, e possuem conta conjunta, onde diz ter, total liberdade para administrar e

⁴ Bolsa Família é um programa federal de transferência de renda para as famílias de baixa renda.

fazer uso. Atualmente, ela julga que seu trabalho representa cinquenta por cento da renda familiar.

Na sua avaliação hoje existe uma maior valorização e reconhecimento do papel que as mulheres desempenham, mas que ainda é necessário trabalhar mais na valorização e reconhecimento do trabalho feminino, e de muitas mulheres que se encontram no anonimato. Ressalta, ainda, que as mulheres rurais sempre foram colocadas pela sociedade na invisibilidade e que o trabalho da mulher é visto como uma ajuda, sendo, muitas vezes, consideradas como domésticas. Sendo que as mulheres exercem atividades produtivas junto com seus maridos e ainda tem que cuidar de todos os afazeres da casa, horta e criação de animais. Ela afirma que foi através das ações da associação que foi possível buscar conhecimento para melhorar sua vida, seu crescimento como pessoa e o convívio com outras mulheres.

Por outro lado, acha que o futuro da agricultura familiar está a perigo, “a ponto de ser engolido pelos grandes produtores”, assim ela pensa que é necessário mais incentivo e apoio por parte dos Governos para a agricultura familiar, fortalecendo e oportunizando a permanência das famílias no campo.

A entrevistada E, tem 54 anos, mora na localidade do Rincão dos Kochemborger, no Distrito de Três Vendas, e sempre trabalhou na agricultura. Trabalha junto com o marido no plantio de soja, arroz e trigo, e é responsável pela horta onde produzem hortaliças que são comercializadas numa rede de supermercados do município. Trabalha com produção de cucas, pães e bolachas que são comercializados através de feiras organizadas pela ATR e na Casa das Trabalhadoras Rurais.

A renda da família é oriunda do que é produzido na propriedade, não havendo fonte de renda não agrícola. A agricultora menciona que o trabalho que a associação realiza juntamente com as entidades como STR e Emater tem trazido o reconhecimento e a valorização de muitas mulheres. Cita que a atuação da ATR e as ações que desenvolve no município têm sido muito importantes, com isto, as mulheres estão conseguindo ocupar seus espaços e ter o reconhecimento do seu trabalho, o que mudou a vida de muitas delas, trazendo alternativas de renda. Através da participação na associação, as mulheres cresceram muito com novos conhecimentos, ganhando assim poder e autonomia financeira e social. Relata que sua vida mudou para melhor, fez muitas amizades com mulheres de outras localidades do município, teve grandes conhecimentos sobre os direitos das mulheres.

A entrevistada F, tem 25 anos de idade, mora na localidade do Bosque, e trabalha na agricultura desde criança. Seu dia inicia com os cuidados com os animais, como ordenha e

trato, logo após inicia seu trabalho na horta. A família comercializa hortaliças por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE para as escolas municipais e estaduais e do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA para o Exército brasileiro, que tem unidade no município. Trabalha com o marido na cultura do fumo, plantio de milho, mandioca e mogango⁵. Essa agricultora acessa Pronaf custeio e investimento, sendo ela a titular na DAP- Declaração de Aptidão ao Pronaf, ela também está aguardando recursos via FEAPER⁶ para construção de estufas para poder cultivar algumas variedades de hortaliças durante o ano todo.

Percebe-se que as tomadas de decisões são realizadas em conjunto, com ela participando ativamente desde a compra das sementes e insumos até a comercialização. Ela afirma que o seu trabalho representa 50% da renda obtida na propriedade, mas que não tem muito tempo para o lazer. Todavia, ela conta que sempre que pode participa das atividades oferecidas através do grupo de mulheres, festa anual da comunidade católica, e nos finais de semana gosta de viajar e visitar familiares e amigos. Sempre que pode participa em atividades em outras comunidades, como festas comunitárias.

Avalia como muito importante a atuação e as ações da ATR voltadas para as mulheres rurais, e com isto melhorou a renda de muitas mulheres através da participação em feiras onde são comercializadas as hortaliças. Sua vida mudou muito, depois que começou a participar foi convidada para participar de cursos de formação, palestras e seminários trazendo novos conhecimentos para o seu dia a dia. É interessante notar que ela menciona que, nas tarefas de casa recebe a ajuda do marido.

A jovem agricultora afirma que as mulheres estão se valorizando mais, pois antes elas se dedicavam exclusivamente para o marido e filhos e não ganhavam nada. Hoje muitas mulheres estão a frente da propriedade, mas ressalta que falta mais políticas públicas para as mulheres.

4.3 Alguns aspectos sobre o trabalho produtivo

Em relação às atividades que as mulheres realizam na propriedade, a pesquisa mostra que todas as entrevistadas realizam atividades como: trato com animais, ordenha das vacas, horta doméstica, elabora e entrega pães, bolachas e cucas, e realizam a entrega de mercadorias no comércio local, trabalham na lavoura e cuidam do gado, estas últimas, com o marido. Desta forma, é possível constatar o envolvimento e participação da mulher nas atividades

⁵ Como são chamados regionalmente certos tipos de abóboras.

⁶ FEAPER- Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais

domésticas, mas também nas de agregação de valor pela transformação de produtos para venda com aumento de renda à família, além da participação permanente em todas as demais atividades produtivas juntamente com o marido. Esse envolvimento através da participação da mulher em atividades para além da esfera doméstica já fora constatado pelo autor Panzutti (2002), quando diz que o homem é o chefe da casa, responsável pelas tarefas da lavoura como capinar, preparar a terra para o plantio, semeadura e colheita, sendo que na prática essas ações são desempenhadas por todos da casa, pela mulher e filhos. Costa (2015) também reforça que a participação das mulheres nas atividades produtivas é intensa, além do trabalho dos cuidados com a família, ainda realiza juntamente com o marido todas as atividades da lavoura. Mas, a autora diz que mesmo com toda essa participação na produção esse trabalho é considerado invisível. A invisibilidade do trabalho produtivo das mulheres também foi constatada por Mello (2002). Enquanto que, Galizoni e Ribeiro (2000), dizem que, entendendo as relações de trabalho, no que diz respeito ao espaço interno da família é possível compreender o papel da mulher e do homem da unidade produtiva familiar.

Em relação ao empoderamento constatou-se que, após a participação das mulheres na Associação das Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul, muitas delas conseguiram romper barreiras rumo à emancipação. Siqueira (2014) coloca que o empoderamento das mulheres agricultoras pode ocorrer a partir da participação em associações, sindicatos, cooperativas e na própria comunidade, sendo que este fato está se consolidando cada vez mais no município de Cachoeira do Sul por meio da participação das mulheres nas atividades desenvolvidas pela Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais.

Foi possível observar que muitas delas sentem-se encorajadas, resgatando a sua autoestima e saindo de muitas situações de total invisibilidade. Os resultados dessas mudanças são observados no fato das mulheres estarem participando ativamente da gestão da propriedade com seus maridos, bem como nas representações das organizações sociais e comunidades. Também é visível uma maior participação em associações e cooperativas, planejando, administrando e coordenando atividades da família e do campo (SIQUEIRA, 2014).

No que tange a invisibilidade, através da análise das entrevistas, foi possível perceber as transformações através da efetiva participação das mulheres nas atividades desenvolvidas pela ATR, onde o trabalho por elas desempenhado nas propriedades junto com a família está tendo aos poucos o devido reconhecimento e valorização. Conforme Costa (2015) as mulheres são consideradas trabalhadoras ativas dos processos produtivos, além do trabalho na roça,

cultivam toda a alimentação que vai para a mesa da família. Sendo que este processo ficou nítido nas entrevistas realizadas com as mulheres rurais no município de Cachoeira do Sul.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistadas relatam que, após a participação nos grupos de mulheres e na Associação das Trabalhadoras, obtiveram melhorias nas suas vidas, acesso a várias informações importantes tanto para elas como para o grupo familiar. Há indícios de que obtiveram uma melhor qualidade de vida, em parte pela melhora de renda que têm conseguido. Neste sentido, o trabalho em grupo gerou mais facilidade de venda de seus produtos, pois além de comercializar na Casa das Trabalhadoras Rurais, também participam em várias feiras, fazendo a autogestão de seus negócios. Reforçam que há solidariedade e ajuda mútua por parte das integrantes dos grupos na busca da emancipação e do empoderamento de outras mulheres que ainda se encontram no anonimato.

Constatou-se que a organização das mulheres rurais tem passado nos últimos anos por um processo significativo de diferenciação e de formação de atores na sociedade. Estas alterações são reflexos da luta constante deste movimento por transformações significativas das relações sociais e de gênero tidas como desiguais e opressoras. No entanto, pensar a respeito das relações de gênero a partir da trajetória das mulheres agricultoras familiares no contexto de suas lutas, tem-se constituído uma forma de transformação e conquista dos direitos de cidadania.

Outro resultado importante que vem ocorrendo no município, é que as mulheres rurais vêm cada vez mais se fortalecendo enquanto lideranças, dirigentes sindicais e defensoras dos direitos humanos. Esse compromisso tem favorecido romper as fronteiras machistas do mundo sindical fazendo ocorrer um debate político de temas antes reservados ao mundo privado, como por exemplo, a violência sexista. A vida no campo mudou muito graças a organização das mulheres rurais, que através da luta por reconhecimento e direitos, participando de mobilizações junto a movimentos sociais alcançaram grandes conquistas como a inclusão na Previdência Social como segurados especiais, aposentadoria por idade para mulheres e homens, auxílio doença, acidente de trabalho e salário maternidade, enfim a valorização do trabalho a quem tem a nobre missão de produzir alimentos.

A organização das mulheres rurais e a participação nas atividades da Associação têm trazido resultados significativos para os atores sociais envolvidos, ultrapassando obstáculos no reconhecimento das atividades produtivas por elas exercidas reafirmando a importância da inserção social e a luta como cidadã junto ao grupo familiar e a sociedade.

Portanto a autonomia econômica, valorização do trabalho e renda são fundamentais na vida das mulheres rurais, pois é preciso dar visibilidade ao seu trabalho, contribuindo para a

ampliação das igualdades sociais e de gênero. Ainda existem muita discriminação e exclusão social, muitas mulheres estão na invisibilidade, nesse sentido é muito importante a participação da mulher em grupos organizados, em cursos de formação, significando um passo importante para a democracia e igualdade social e de gênero.

No entanto, a Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais terá que continuar lutando para romper com a invisibilidade que foi imposta às mulheres durante anos, pois nota-se que mesmo ocupando espaços políticos para incidir nos rumos econômicos, ainda não foi o suficiente para romper com os padrões hegemônicos e conquistar uma cultura na sociedade, na qual as mulheres sejam reconhecidas e respeitadas, e possam usufruir de autonomia, igualdade e liberdade.

Pode-se concluir que o trabalho realizado por meio da Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais trouxe grandes resultados, não só para a emancipação e empoderamento das mulheres agricultoras, mas também para uma melhor qualidade de vida para muitas famílias no meio rural. A organização de mulheres rurais no município tem trazido resultados significativos por meio da participação e manutenção dos direitos e interesses das participantes, pois através do trabalho e união a organização visa através da ajuda mútua resolver os problemas relacionados não só com as mulheres, mas num contexto geral abrangendo a família ou até mesmo a comunidade como um todo.

REFERÊNCIAS

- Anuário Cachoeira do Sul 2016/2017. Croqui do município de Cachoeira do Sul. Disponível em: < https://www.jornaldopovo.com.br/anuarios/2016/anuario/materias/329/a_grande_cachoeira.htm >. Acesso em: 28 out. 2017.
- ASSOCIAÇÃO DAS TRABALHADORAS RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL, Estatuto Social, 2003.
- ASSOCIAÇÃO. **Série Empreendimentos Coletivos**. 2014. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=s%C3%A9rie%20empreendimentos%20coletivos%20sebrae>. Acesso em: 10 set. 2017.
- AZEVEDO, V. M. **Os Desafios para o Empoderamento da Mulher Agricultora a partir do Programa de Aquisição de Alimentos: O Caso de Barbacema-MG**. Disponível em: <<http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4179/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=>>> Acesso em: 07 jul. 2017
- BRUMER, A. **GÊNERO E AGRICULTURA: A SITUAÇÃO DA MULHER NA AGRICULTURA DO RIO GRANDE DO SUL**. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>>. Acesso em: 06 jul. 2017.
- COSTA, M. C. da. **Violência contra mulheres rurais: gênero e ações de saúde**. Disponível em: <https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1985935/mod_resource/content/1/Tema%2003%20-%20Violencia%20contra%20mulheres%20rurais.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- Fundação de Economia e Estatística-FEE. **Dados de Cachoeira do Sul**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Cachoeira+do+Sul>>. Acesso em: 06 jun. 2017.
- GALIZONI, F. M; RIBEIRO, E. M. **Trabalho feminino na agricultura familiar do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais**. Disponível em:< <http://www.sober.org.br/palestra/12/09O436.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. (Série Educação a Distância).
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Brasília, [2013?]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=430300&idtema=1&search=rio-grande-do-sul|cachoeira-do-sul|censo-demografico-2010:-sinopse->>>. Acesso em: 23 ago.. 2017.
- KANAN, L, A. **PODER E LIDERANÇA DE MULHERES NAS ORGANIZAÇÕES DE TRABALHO**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v17n53/01.pdf> >. Acesso em: 06 dez. 2017.
- Marcha das Margaridas, 2015. Caderno de textos para estudos e debates. Publicação da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da CONTAG.
- MARION, A. A. BONA, A. N. **A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR**. Disponível em:< <http://www.infocresol.org.br/publicacresol/upload/trabalhosfinal/227.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2017.
- Mapa do Rio Grande do Sul com a localização do município de Cachoeira do Sul. Disponível em: <<http://adressadnaty.blogspot.com.br/2011/10/conhecendo-um-pouco-mais-de-minha.html>>. Acesso em: 08 nov. 2017.
- MELO, L. A. de. **Injustiças de Gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/gt_gen_po9_albuquerque_texto.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.

MONTALI, L. **Mudanças na família, no mercado de trabalho e nos arranjos familiares**. Disponível em: <https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1988854/mod_resource/content/1/2014%20-%20Mudan%C3%A7as%20na%20fam%C3%ADlia%20no%20mercado%20de%20trabalho%20e%20nos%20arranjos%20familiares.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.

PANZUTTI, N.da P. M. **Família e relações de gênero na agricultura familiar de Itinguçu** – Estação Ecológica Juréia-Itatins, São Paulo, Brasil. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/10O460.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

PASTÓRIO, I. T. ROESLER, M. R. V. B. **O papel da mulher no processo produtivo familiar com sustentabilidade**. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/Anais/servico-social/anais/TC_PAPEL_MULHER_PROCES_PRODUT_FAMILIAR_COM_SUSTENTABILIDADE.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2017.

PEREIRA, M. N. **Métodos e Meios de Comunicação em Extensão Rural**, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/METODOSDEEXTENSAOGLOSSARIO.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2017.

Revista das Mulheres da FETAG-RS- Vol. 16, n.16, 2013- Porto Alegre-RS, FETAG-RS.

Revista da Historia dos 50 Anos da FETAG-RS. Edição out/2013. Detalhes Editora Gráfica, Marau-RS.

Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais da CONTAG. **Margaridas seguem em Marcha por Desenvolvimento Sustentável com Democracia, Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade**. Caderno de textos para estudos e debates, Marcha das Margaridas, CONTAG, 2015.

SILVA, L. S. da.. VALE, A. R. do. **QUESTÃO DE GÊNERO NO ESPAÇO RURAL DE ALFENAS/MG: UMA ANÁLISE SOBRE A ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES DO BAIRRO MATÃO**. Disponível em: <<http://www.unifal-mg.edu.br/geres/files/leticiageres172-190.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

SIQUEIRA, A. E. S. de. **Empoderamento de mulheres agricultoras: Possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural no semiárido Baiano**. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2015%20mestrado%20UFBA%20Ana%20Elizabeth%20Siqueira.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

ANEXO A – GUIA DE ENTREVISTAS

1 - Nome:

2 - Idade:

3 - Localidade:

4 - Quanto tempo trabalha na agricultura?

5 - Como é o seu dia a dia? Como é a sua participação nas atividades desenvolvidas na propriedade?

6 - Acessa algum tipo de política pública? Como Pronaf custeio, investimento, possui Bolsa Família, é beneficiária de algum programa, como Habitação Rural e Crédito Fundiário?

7 - Possui outro tipo de renda oriunda ou não da agricultura?

8 - Como é o processo de tomada de decisões em relação a gestão financeira da propriedade? (como compra de sementes e insumos, controle financeiro e comercialização).

9 - Financeiramente quanto você acha que o seu trabalho representa na renda familiar?

10 - Participa ou já foi convidada à participar de grupos, feiras e palestras voltadas para as mulheres agricultoras ?

11 – Você participa das atividades desenvolvidas pela Associação das Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul? Se sim de que forma participa?

12 – Como você avalia a atuação e as ações da Associação das Trabalhadoras Rurais no município?

13 - O que mudou na sua vida após começar a participar da Associação das Trabalhadoras Rurais?

14 - Você se sente valorizada pela sociedade e pelas entidades ligadas à agricultura familiar?

15 - Em sua opinião quais os fatores que estão contribuindo para a valorização do trabalho das mulheres na agricultura?

16 – Quais são as atividades de lazer que você gosta de fazer?

17 – A sua comunidade oferece atividades de lazer que possibilite a participação das mulheres?

18 – Participa de atividades desenvolvidas em outras comunidades?

19 - Como você vê o seu futuro e das mulheres agricultoras diante do futuro agrícola, associativo, sindicalista e político?

APÊNDICE A – IMAGENS DAS AGRICULTORAS ENTREVISTADAS

Figura 3: Foto da entrevistada A
Fonte: autora, 2017



Figura 4: Foto entrevistada B
Fonte: autora, 2017



Figura 5: Foto da Entrevistada C
Fonte: Autora, 2017



Figura 6: Foto entrevista D
Fonte: autora, 2017



Figura 7: Foto Entrevistada E
Fonte: autora, 2017



Figura 8: Foto Entrevistada F
Fonte: autora, 2017



APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Trabalho de Conclusão de Curso INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: _____

RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural- PLAGEDER- “**MULHERES E OS PROCESSOS DE EMANCIPAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL-RS**” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “MULHERES E OS PROCESSOS DE EMANCIPAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL-RS”** – *do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER*, que tem como objetivo” analisar as trajetórias de vida de mulheres participantes da Associação Municipal de Trabalhadoras Rurais de Cachoeira do Sul, no que se refere o processo de emancipação. Traçar a trajetória de vida de seis mulheres da Associação e analisar aspectos econômicos e sociais, que podem contribuir, ou não, para a emancipação das mulheres”.

A minha participação consiste na recepção do aluno “**CLEUDIA MARA RIBEIRO CAMARGO**” para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação (e a da propriedade/agroindústria/cooperativa/outra para a publicação no TCC.)

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

Cachoeira do Sul, RS, ____/____/2017

PLAGEDER: Av. João Pessoa, 31 – 90040.000 – Porto Alegre – RS – Brasil - Fone: (51) 3308.3884 -
Fax: 3308.32 81

<http://www6.ufrgs.br/plageder>

plageder@ufrgs.br